

EDITORIAL

Ao referir-se ao teatro épico de B. Brecht, Walter Benjamin sublinhou o papel do riso como ponto de partida para o pensamento. Bernardo Jablonski o sabia muito bem: sua presença era garantia de (bom) humor. Nos últimos anos, dedicou-se a duas linhas de pesquisa. Uma delas era a psicologia social clássica e envolvia temas como atitudes, preconceito, psicologia social aplicada à comunicação e às artes (teatro), além de aspectos metodológicos relacionados ao estudo destas questões. Sua outra linha de pesquisa era o estudo da família e do casamento contemporâneos. Mais especificamente, interessavam-lhe as causas socioculturais que estariam levando a família e os casamentos atuais a uma situação de crise caracterizada pelo alto índice de divórcios e separações e pela busca por formas de conjugalidade alternativas, além de outros fatores.

Ao lado das lágrimas incontinentes impostas pelo seu desaparecimento precoce, o riso rasgado provocado pela alegria de sua lembrança estampa cada página deste volume da Psicologia Clínica e de todos os quais editou com dedicação extrema, carinho enorme e competência rara. Professor e pesquisador sério, rigoroso, querido, companheiro, divertido e forte, lutou por anos até que a doença lhe roubasse a força: no dia 28 de outubro de 2011, Jablonski “desnasceu”. Restou-nos a certeza de que é preciso rir para pensar. Abre este volume o artigo inédito de sua autoria no qual ele pensa, a partir do riso e com ele, sobre possíveis especificidades culturais da risada no Brasil.

Em seguida, em nome de todos os professores do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, a Profa Terezinha Féres-Carneiro escreve algumas linhas, rendendo homenagem àquele que foi e sempre será professor de todos nós.

Nossa Seção Temática – cujo tema é *mães, mulheres e crianças* – inicia-se com o artigo “Representações maternas de mães adultas: relato clínico a partir da entrevista R”, de Stela Araújo Cabral (UNISINOS) e Daniela Centenaro Levandowski (UNISINOS), o qual apresenta o relato de uma experiência clínica a partir da utilização da Entrevista R. Foram analisadas as representações de três mães (26 a 31 anos), cujos bebês tinham entre três e seis meses de idade, sobre si mesmas, sobre o bebê e sobre suas próprias mães. As informações obtidas revelaram que as representações sobre a própria mãe influenciaram no modelo materno dessas mães. Também foi demonstrada a identificação das mães com seus bebês a partir

das representações sobre a criança. Já as representações sobre si mesmas mostraram diferentes percepções e sentimentos como mãe e pessoa. Destaca-se que a análise das representações maternas a partir da Entrevista R possibilitou um mapeamento do mundo representacional das mães, o que não exclui a utilização de outros instrumentos para tal fim.

O artigo seguinte – “Atendimento a mães de vítimas de abuso sexual e abusadores: considerações teóricas e práticas” de Débora Dalbosco Dell’Aglío (UFRGS), Andreína Moura (UFRGS) e Samara Silva dos Santos (UFRGS) – levantou informações sobre o atendimento psicológico prestado às mães de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, bem como aos autores dessa violência. O artigo discute os sentimentos de mães e perpetradores frente à revelação do abuso, os objetivos do tratamento em cada caso e os aspectos psicológicos relacionados. São também apresentados alguns estudos nacionais e internacionais sobre experiências de tratamentos e algumas dificuldades práticas para o andamento dos mesmos, assim como as dificuldades de se realizarem estudos sobre essa temática.

A seguir Carolina Marocco Esteves (UFRGS), Márcia Camaratta Anton (UFRGS) e Cesar Augusto Piccinini (UFRGS), no artigo “Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo” debatem o conceito winnicottiano de preocupação materna primária (PMP) referente ao estado psicológico da mãe no qual sua sensibilidade em relação ao filho torna-se exacerbada. O objetivo dos autores foi relatar uma investigação sobre os indicadores da PMP na gestação de 4 mães casadas, cujas idades variaram entre 22 e 28 anos, que tiveram problemas clínicos na gestação e bebês pré-termo sem complicações clínicas sérias. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo para o levantamento de indicadores da PMP com base em algumas categorias. A análise de conteúdo qualitativa revelou que a possibilidade do parto pré-termo parece ter intensificado a ansiedade dessas mães que estavam em processo de desenvolvimento da PMP. Porém observou-se que, com a assimilação de sua condição de saúde e da gestação, as participantes conseguiram desenvolver bons indicadores desse estado materno.

Por sua vez, Sílvia Alexim Nunes (UERJ), no artigo “Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar”, pretendeu mostrar que a pergunta de Freud “O que quer a mulher?” permanece pertinente ainda hoje, na medida em que reflete o mal-estar relativo aos impasses colocados pelas escolhas e desejos femininos que extrapolam o ideal materno. A autora analisou o contexto histórico no qual foi formulada, procurando enfatizar as diferenças e as permanências em relação à condição feminina nos dias atuais, quando a pergunta faz sua reentrada na cena social.

Já Juliana Puppim Duarte (UFRJ) e Maria Lúcia Rocha-Coutinho (UFRJ), no artigo “‘Namorido’: uma forma contemporânea de conjugalidade?”, investigaram uma forma de relacionamento comum entre jovens da zona sul do Rio de Janeiro em que, após breve namoro, o casal decide morar junto, sem necessariamente planejar uma futura oficialização. As autoras entrevistaram cinco mulheres com idades entre 27 e 37 anos, que trabalham fora de casa e estão envolvidas, há pelo menos um ano, em um relacionamento amoroso tal como descrito acima. Os resultados apontaram para o fato de que o “namorido” parece ser uma modalidade de relacionamento resultante do individualismo exacerbado das sociedades contemporâneas em que os vínculos afetivos são mais fluidos e maleáveis. Nele, os indivíduos buscariam uma satisfação pessoal instantânea nos relacionamentos amorosos, assim dispensando um tempo maior para o conhecimento mútuo. Apesar disso, em muitos aspectos o “namorido” se assemelharia aos casamentos contemporâneos e, para as pessoas envolvidas neste tipo de relação, o fato de ela não ser oficializada não faria com que a união entre os cônjuges fosse menos comprometida.

Em seguida, o artigo “Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais”, de Luciana da Silva Santos (UnB) e Gláucia Ribeiro Starling Diniz (UnB) apresenta os resultados de pesquisa sobre a condição de mulheres de diferentes classes sociais que nos dias atuais se mantêm como donas de casa, indo na contramão do “novo” modelo feminino. Foram entrevistadas 3 mulheres donas de casa, sendo cada uma delas de uma classe social diferente: baixa, média e alta. A análise do discurso das entrevistas apresentou três categorias: significado do trabalho doméstico, condição feminina e vida privada; além de satisfação e (des)valorização do trabalho doméstico. As autoras concluíram que as desigualdades socioeconômicas existentes entre as participantes contribuíram para as diferentes significações que elas deram ao trabalho doméstico e às experiências decorrentes dele. As falas das mulheres revelaram o peso da realidade socioeconômica na significação e no valor atribuído às suas funções e à condição feminina.

Ainda versando sobre a temática *mães, mulheres e crianças*, o artigo “De perto, de longe, de fora e de dentro: a formação do observador a partir de uma experiência com o método Bick”, de Fabio Scorsolini-Comin (USP), Angelita Zambran Nedel (Prefeitura Municipal de Içara, SC) e Manoel Antônio dos Santos (USP), analisou o processo de formação do estagiário de Psicologia como observador da relação mãe-bebê-família, seguindo o método Bick de observação. Para tanto, os autores analisaram extratos do diário de campo que continha os registros das observações sistematizadas pelo estagiário, enfatizando as vicissitudes da atividade de observação notadamente em dois momentos de realização do estágio: na 1ª e na 20ª observação. Desses momentos descreveram-se os movimentos de aproximação, distanciamento,

reaproximação e finalização do estágio, o que possibilitou a emergência de questionamentos acerca do fazer profissional e do estabelecimento dos vínculos com a família e seus membros, bem como o impacto dessas experiências para a vivência do observador em formação. A observação foi destacada nesta experiência como um instrumento que expande as potencialidades do futuro profissional clínico, ampliando a capacidade de continência do estagiário para fazer frente às adversidades da vida, inclusive em situações de intenso impacto psíquico.

Finalizando a seção temática, o artigo “Medos infantis, cidade e violência. Expressões em diferentes classes sociais”, de Junia de Vilhena (PUC-Rio), Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt (PUC-Rio), Maria Helena Zamora (PUC-Rio) e Joana de Vilhena Novaes (PUC-Rio), pretendeu ilustrar as manifestações do medo infantil considerando a classe social como um possível balizador. Tomando como eixo condutor uma pesquisa realizada em três escolas na zona sul do Rio de Janeiro, as autoras mostraram o efeito da violência nas produções subjetivas infantis, mais especificamente o medo, em crianças de diferentes classes sociais. Utilizando o desenho como ferramenta de análise, evidenciaram as diferentes produções de crianças pertencentes a diferentes classes sociais e ressaltaram o papel da mídia como um potente agenciador de subjetividade no tocante ao estímulo a uma cultura do medo.

Abrindo a Seção Livre deste volume, o artigo “Torne tua a herança de teu pai: o Nome-do-Pai na psicanálise laciana”, de Moisés de Andrade Júnior (UFMG), percorreu alguns momentos no desenvolvimento do conceito laciano do Nome-do-Pai, tomando como ponto de partida os escritos de Freud sobre o recalque e demonstrando a importância do pensamento freudiano para a elaboração deste conceito. Três períodos deste trajeto teórico foram abordados: o Nome-do-Pai como interdição simbólica ao incesto, o Nome-do-Pai pluralizado como instaurador do inconsciente estruturado como uma linguagem e, finalmente, seu papel na teoria dos nós borromeanos. Para tanto, o autor fez uma breve passagem pela matemática transfinita, cuja lógica perpassa algumas das elaborações lacianas. O fio condutor deste percurso foi a própria possibilidade do inconsciente, seja ele tomado como o material recalado, seja como a articulação entre os significantes.

O artigo seguinte, “Reflexões sobre a clínica-escola, a psicanálise e sua transmissão”, de Cristina Moreira Marcos (PUC-MINAS), partiu de questões surgidas da experiência de iniciação à escuta clínica nos ambulatórios universitários. Perguntando-se sobre o que esta clínica ensina e de que maneira ela pode participar do processo de transmissão da psicanálise que se dá na universidade, a autora investigou a possibilidade de transmissão da clínica psicanalítica na clínica-escola e as incidências desta prática naquele que a exerce. Ou seja, tratou-se, para a autora,

de se interrogar sobre a possibilidade de transmissão da clínica psicanalítica, da sua ética e do seu ato em uma clínica-escola.

Por sua vez, Helena Maria Melo Dias (PUC-SP) e Manoel Tosta Berlinck (PUC-SP), no artigo “Contratransferência e enquadre psicanalítico, em Pierre Fédida”, sublinharam o fecundo e complexo pensamento de Fédida sobre a técnica psicanalítica, tratando da articulação das noções de contratransferência e de enquadre no dispositivo clínico psicanalítico. Sua concepção de contratransferência tem como modelo implícito a relação fictícia mãe-bebê, na qual a mãe é uma receptora capaz de ressonância com o estado psíquico da criança para ativação da linguagem e consequente alívio de seu sofrimento. Ele identifica na contratransferência uma função que regula a “experiência intersubjetiva” analista-paciente e tem a função de paraexcitação, que se rege em nível pré-consciente capaz de nomeação. Isso é o que sustenta o enquadre analítico como espaço de potência que engendra a situação analítica. Destacamos o estilo evocativo da escrita de Fédida, que mobiliza o pensar e o *insight*, próprio da metapsicologia freudiana. Desse modo, suas elaborações contribuem significativamente para maior compreensão da psicoterapia psicanalítica.

Encerrando este volume, o artigo “Freud e a transferência dos psicóticos”, de Josiane Bocchi (Universidade Federal de São Carlos-São Paulo), Jimena Garcia Menendez (Centro hospitalar de Étampes) e Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Universidade de Paris 7 – Denis Diderot), mapeia a experiência freudiana das psicoses em quatro períodos que salientam a questão da transferência com caráter central na experiência com psicóticos. Apresenta ainda um importante e pouco assinalado caso de um paciente de Freud.

Monah Winograd